



ECOAdOR, ia e vinha e a todos perguntava que nome tinha

Lola Geraldés Xavier

Pedro d'Alte

Maria Dilar Pereira

Hui Wu

Solange Luís

João Viana

Manuel Pires

Vanessa Amaro

Meng Yu

Gaozhao Chen

Peiyu Ma

Qingxian Liang



Personagem

Revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades

Resumo:

O Número Zero de *Personagem: revista de estudos em educação, linguagem e teatralidades* reúne textos de autores vinculados à *Diálogos: rede internacional de pesquisa*. Os leitores encontrarão escritos sobre histórico, trajetórias e modos de pesquisar e conviver em coletivos acadêmicos e/ou artísticos no Brasil, Equador, China, Índia, Portugal, Colômbia e Argentina. O presente resumo é unificado para todos os artigos, que originalmente foram escritos por perspectivas mais ensaísticas e narrativas. Ressalta-se que o formato, bem como o estilo de cada texto, nessa edição especial de lançamento da revista, corresponde ao desejo de partilha de seus autores na relação com seus pares, o que garante ao número uma amplitude diversa de práticas coletivas de pesquisa e, por consequência, de experimentar o escrever sobre elas, ao redor do mundo.

Palavras-chave: Rede de Pesquisa; Educação; Linguagem; Teatralidades



Introdução

O ECOAdOR, Grupo de Estudos de Culturas Ocidentais, Africanas e do Oriente¹, foi fundado em 2021 por Lola Geraldés Xavier e está sediado em Macau.

Esse grupo de estudos interdisciplinar debruça-se, especialmente, sobre o contexto africano e asiático, dando enfoque a manifestações culturais, com destaque para a literatura. Tendo em consideração que a língua portuguesa é um elo de ligação entre os vários espaços a abordar, e elemento de cultura por excelência, ela não poderá ser descorada. Olhar para a África e a Ásia em Português é ter, igualmente, em consideração os diálogos com o Ocidente (neste caso, em particular, Portugal e Brasil). Nesse sentido, estão incluídas abordagens (sobretudo comparatistas) que possam direcionar-se para essas latitudes culturais. Assim, com esse grupo de estudos visa-se construir conhecimentos sobre as culturas em língua portuguesa; aprofundar o diálogo cultural e linguístico, em língua portuguesa, entre os diferentes países e comunidades em língua portuguesa e suas instituições de saber; contribuir para a promoção e para a difusão das literaturas em língua portuguesa; constituir um espaço de debate e de reflexão interdisciplinar entre as várias artes; colaborar para uma comunicação efetiva entre as culturas e literaturas em língua portuguesa e a língua chinesa; permitir uma plataforma de diálogo e reflexão para estudantes de doutoramento.

Para o cumprimento desses objetivos, a investigação do Grupo recai sobre as seguintes linhas: literatura de viagem; relação entre a historiografia e a representação literária; lugares físicos e da memória; imagologia e imagótipos (representações do Outro, o estrangeiro, as mulheres, figuras coloniais); literaturas em língua portuguesa (análise, evolução e problemática da publicação nestes contextos, questões de legitimação); diálogos interartes; diálogo secular entre as línguas locais e a língua portuguesa; papel da língua na construção das identidades locais; tradução literária português-chinês/chinês-português; receção literária em Português.

Até ao momento, foi possível concretizar os seguintes projetos:

Publicação sobre tradução de poemas selecionados de José Craveirinha no centenário do seu nascimento: XAVIER, Lola Geraldés (ed.); CRAVEIRINHA, José. **Poemas selecionados**. Tradução para chinês de Lu Jing e Wu Hui. Macau: Praia Grande Edições, 2022.

Publicação de um livro de ensaios a propósito do centenário de José Craveirinha: XAVIER, Lola Geraldés (org.) **Ecos de Moçambique**. Um século de José Craveirinha. São Paulo: Editora Blucher, 2022. ISBN: (impresso): 978-65-5550-246-6; ISBN: (eletrónico): 978-65-5550-243-5. DOI: 10.5151/9786555502435. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9786555502435-579/list#undefined>

¹ Site: <https://ecoador.wixsite.com/ecoador-1>



Publicação de um livro de ensaios sobre Henrique de Senna Fernandes, no seu centenário: XAVIER Lola Geraldés (dir.). D'ALTE, , Pedro (org.) (2023). **Cem anos de Henrique de Semma Fernandes**. Macau: Sociedade de Artes e Letras/Praia Grande, 2022. ISBN: 978-99981-34-14-0.

Neste momento, está em preparação a publicação de um livro sobre o escritor angolano Uanhenga Xitu, celebrando o seu centenário. Prevê-se alargar-se as futuras publicações a temas relacionados com as linhas temáticas do Grupo.

A coordenação do grupo, está, assim, a cargo de Lola Geraldés Xavier e a coordenação adjunta é da responsabilidade de Pedro D'Alte. Fazem parte do Grupo, elementos doutorados de e fora de Macau, um cineasta e estudantes de Doutoramento.

De modo a dar voz aos vários elementos e a uma perspetiva sobre o Grupo, a coordenadora do Grupo realizou uma entrevista por escrito a onze elementos (sete doutorados e quatro doutorandos), que quiseram participar de modo voluntário, nomeadamente aos Doutores Manuel Pires, Maria Dilar Pereira, Solange Evangelista Luís, Vanessa Amaro, Wu Hui e ao cineasta João Viana. Responderam, também, ao repto os mestres e estudantes de doutoramento Gaozhao Chen (Esperança), Meng Yu (Lídia), Peiyu Ma (Vitória), Qingxian Liang (Hortência).

Numa análise realizada pelo *Voyant tools*, ficamos a perceber que no corpus das entrevistas, composto por 9959 palavras, verifica-se uma maior frequência da palavra "literatura" (com 72 ocorrências), seguida de "pesquisa" (68 ocorrências), "Macau" (50 ocorrências), "tradução" (49 ocorrências) e "investigação" (46 ocorrências)².

(1) A entrevista inicia-se pela área de especialização de cada membro, normalmente caracterizada por interseções entre literatura, cultura, artes e/ou tradução.

(2) Os temas principais de pesquisa são variados, incluindo estudos sobre Belas-Artes e Desenho e produção literária de Macau em língua portuguesa. Outros temas abordados são as literaturas africanas em português, sobretudo angolana e moçambicana, representações de Macau na literatura infantil e juvenil portuguesa, o trânsito de ideias nos espaços onde se fala português, a tradução de obras literárias, representações femininas na literatura em português no Oriente, análises de cidades como espaços tradutórios e estudos culturais relacionados com contextos pós-coloniais.

(3) Atualmente, os pesquisadores estão envolvidos numa série de projetos e estudos variados, que aqui se sintetizam apenas alguns: representação feminina na literatura de Macau e traduções literárias, coleta de memórias pessoais e experiências durante a descolonização e a guerra civil em Angola; o ensino de português na China, representações literárias de períodos bélicos e estudos sobre práticas tradutórias em Macau. As

2 <https://voyant-tools.org/?corpus=91bdec6062c95704d77a72e2dc73b6f8>



pesquisas também incluem temas como competência intercultural, estudos sobre cidades pós-coloniais e o papel do património português na construção da identidade de Macau pós-1999.

(4) Pretende-se que estas pesquisas abordem uma variedade de contribuições no âmbito da literatura e cultura, nomeadamente: o destaque para o intercâmbio internacional entre autores de diferentes nacionalidades, com enfoque nas culturas africanas e asiáticas, e a interdisciplinaridade entre literatura e artes visuais. As contribuições incluem ampliação do conhecimento, diálogo intercultural, promoção literária, estudos comparativos e identidade cultural, assim como a visibilidade de escritores marginalizados. A recolha de memórias pessoais visa revelar narrativas alternativas, enquanto o estudo da tradução literária busca preencher lacunas e explorar novas áreas de pesquisa. Outras contribuições incluem a continuação do estudo de autores periféricos, o aprofundamento do intercâmbio linguístico e cultural dentro da *lusofonia* e o *aumento da compreensão da influência portuguesa em contextos pós-coloniais*.

(5) Os desafios encontrados nas pesquisas incluem dificuldades de acesso a fontes primárias e documentos históricos devido a restrições geográficas ou culturais, além da barreira linguística. Estabelecer um *corpus* de estudo e compreender publicações académicas em diferentes idiomas também são obstáculos comuns. Outros desafios abordados incluem falta de financiamento, escassez de recursos para pesquisa em determinadas regiões, autocensura em alguns espaços, falta de tempo devido a múltiplos compromissos profissionais e pessoais, necessidade de proficiência em disciplinas diversas numa abordagem interdisciplinar e dificuldades na publicação e disseminação dos resultados da pesquisa. Além disso, há obstáculos relacionados com a organização de dados empíricos, ajustes na abordagem inicial e acesso limitado a recursos e informações relevantes para a pesquisa.

(6) Os pesquisadores enfrentam diversos obstáculos que se entrecruzam com os desafios enunciados anteriormente. Esses obstáculos incluem dificuldades em aceder a fontes primárias e documentos históricos, bem como barreiras linguísticas. Além disso, a falta de financiamento, a autocensura em certos contextos e a escassez de recursos e informações relevantes são desafios comuns. Outros obstáculos envolvem o tempo limitado para pesquisa devido a múltiplos compromissos, a necessidade de proficiência em disciplinas diversas em abordagens interdisciplinares, e a falta de acesso a obras literárias cruciais que podem estar esgotadas ou não disponíveis digitalmente. Superar esses obstáculos muitas vezes requer estratégias como colaborações internacionais, digitalização de acervos, organização eficiente de dados, criatividade na colheita de informações e interpretação culturalmente sensível.

(7) Colaborar com pessoas de diferentes disciplinas proporciona uma variedade



de *insights* valiosos. Essas parcerias promovem perspectivas multidisciplinares, complementaridade de métodos de pesquisa e diversidade de abordagens teóricas. Além disso, possibilitam o aproveitamento de conhecimentos existentes, enriquecem os estudos convencionais e estimulam a criatividade.

(8) A motivação para pesquisar literatura e cultura varia entre os pesquisadores, mas muitos são impulsionados pela paixão por livros, arte e expressões culturais desde a infância. Além disso, a curiosidade intelectual, a influência familiar, a experiência profissional e a consciência da importância da literatura e cultura nas humanidades também desempenham um papel significativo. Muitos dos entrevistados veem a pesquisa nessas áreas como uma oportunidade de contribuir para a compreensão global da cultura e da identidade humana, explorando questões profundas sobre sociedade, história e interações humanas.

(9) Para esses investigadores, considerações éticas na pesquisa literária e cultural incluem garantir representações justas e respeitadas, obter consentimento adequado, preservar a privacidade dos participantes, evitar plágio e citações inadequadas, além de zelar pelo anonimato dos entrevistados em pesquisas que o exijam. Outras considerações envolvem respeitar os direitos autorais, evitar o uso indevido de ideias alheias sem referência adequada, e manter a precisão científica e autenticidade do conhecimento.

(10) Vários autores, obras e fenômenos culturais inspiram pesquisas nas diferentes áreas destes estudiosos. São influenciados pelo trabalho de autores e artistas como Daniel-Henri Pageaux, Hugo Dyserinck, Joep Leerssen, Gayatri Chakravorty Spivak, Michael Byram, Stuart Hall, Benedict Anderson, Pierre Bourdieu, Edward Said, Homi Bhabha, Frantz Fanon, João-Maria Vilanova, Júlio Pomar. Essas influências moldam perspectivas e abordagens em campos como literatura comparada, imagologia, estudos de gênero, interculturalidade, estudos pós-coloniais e artes em geral.

(11) Os conselhos que estes entrevistados apresentam aos estudantes ou aspirantes a pesquisadores que estão considerando ingressar num grupo de pesquisa em literatura e cultura são:

- a) Ter interesse genuíno nos temas de pesquisa e estar motivado;
- b) Definir claramente os interesses de pesquisa;
- c) Participar ativamente de reuniões e seminários do grupo de pesquisa;
- d) Estar aberto a colaborações e manter-se atualizado;
- e) Manter a paixão e curiosidade ao longo do percurso acadêmico;
- f) Questionar com coragem e humildade;
- g) Observar a cultura e a literatura através de diferentes perspectivas;
- h) Procurar um grupo de pesquisa alinhado com os seus interesses;



- i) Continuar lendo, refletindo e desenvolvendo o espírito crítico e criativo;
- j) Ler literatura e crítica literária sobre os autores em estudo;
- k) Experimentar a cultura nas suas diferentes manifestações;
- l) Identificar os seus próprios interesses académicos e escolher um grupo compatível;
- m) Ser proativo na troca de ideias e compartilhamento de recursos;
- n) Manter um forte interesse na área e persistir na busca pelo conhecimento;
- o) Preservar uma mente aberta e curiosa, priorizando ética e bom senso.

(12) Algumas experiências partilhadas no domínio da investigação remetem para o gosto pelo trabalho de investigação e pesquisa, mantendo rigor científico e perseverança. São vários os testemunhos recolhidos, que aqui se sintetizam: a persistência é chave para o sucesso, assim como manter o hábito de escrever e ler regularmente; a autocensura pode ser um obstáculo a superar, exigindo autorreflexão; investigar é uma forma de conhecer melhor o mundo e a si mesmo, sempre aprendendo e crescendo; questionar constantemente mesmo estudos prestigiados é fundamental para avançar. Por sua vez, a escolha de temas e autores deve ser criteriosa, visando ao interesse e à viabilidade futura; a cooperação com académicos de áreas distintas enriquece os estudos. As revisões por pares são essenciais para garantir a qualidade dos resultados. É, também, crucial confiar na própria capacidade intelectual e aceitar o feedback construtivo. Finalmente, aconselha-se cautela na partilha de dados, de modo a evitar conflitos de propriedade intelectual.

(13) Algumas direções promissoras apresentadas por estes inquiridos para futuras pesquisas em literatura e cultura incluem a exploração dos estudos pós-coloniais, estudos de género, migração e diáspora, intersecção entre literatura e política, cultura popular, narrativa e memória coletiva. Outras áreas de interesse são a literatura “mundial”, indígena, e as interseções culturais entre povos africanos e entre África e o resto do mundo. A relação entre estudos de literatura, cultura e tradução é destacada, assim como a conexão com a inteligência artificial. O estudo da literatura feminina/feminista e pós-colonial, abordagem de cidades em tradução, digitalização da literatura e cultura, interações culturais num mundo globalizado, representações e identidades em plataformas digitais, mudanças climáticas e inovações tecnológicas também são áreas promissoras de pesquisa.

(14) Segundo esses investigadores, os grupos de pesquisa desempenham um papel fundamental no avanço do conhecimento, proporcionando um ambiente propício à colaboração, à inovação e à disseminação de resultados. Eles agregam diferentes áreas do saber, enriquecendo a compreensão de objetos de estudo complexos. Além disso, oferecem uma plataforma para troca de ideias, debate crítico e formação de projetos interdisciplinares. Os grupos facilitam a colaboração e o *networking entre pesquisadores*, *incentivam a criação de projetos criativos e interdisciplinares*, e *promovem o comparti-*



lhamento de conhecimentos e recursos. São espaços de esforço, trabalho e partilha, que podem ser catalisadores da colaboração interdisciplinar e oferecer orientação para jovens investigadores.

(15) Finalmente, os membros deste grupo concluem que a pesquisa em grupo é significativa e gratificante devido à troca constante de ideias e conhecimento, à colaboração interdisciplinar, à aprendizagem contínua, ao apoio emocional e motivação, à partilha de conhecimentos e recursos, e ao impacto ampliado das realizações conjuntas. Além disso, oferece oportunidades de desenvolvimento profissional, liderança e gestão de projetos. A formação de uma comunidade sem fronteiras, a partilha de recursos, o estabelecimento de parcerias profissionais e a interdisciplinaridade de abordagens também contribuem para tornar a pesquisa em grupo significativa e gratificante.

Após essa apresentação inicial, passa a apresentar-se a entrevista na totalidade, seguida dos biodados dos membros do ECOAdOR aqui convocados.

Entrevista

Qual a sua área de especialização?

Dilar Pereira: Belas-Artes, Especialidade de Desenho.

Gaozhao Chen, Esperança: Estudos literários e culturais (Literatura de Macau em língua portuguesa).

Hui Wu, Jasmim: Literatura para a infância e juventude; imagologia literária; tradução literária.

João Viana: Cinema.

Solange Luís: Estudos sobre literaturas de língua inglesa e portuguesa (investigação e ensino), estudos sobre cultura e memória.

Manuel Pires: Português como língua estrangeira.

Meng Yu, Lídia: Tradução chinês-português/português-chinês; Sociologia da Tradução; Literaturas africanas em língua portuguesa;

Pedro d'Alte: Estudos em língua, literatura e culturas portuguesas (sobre a infância, sobre Macau e Timor).

Peiyu Ma, Vitória: Tradução chinês-português/português-chinês.

Qingxian Liang, Hortência: Literatura de Macau, Estudos de tradução.

Vanessa Amaro: Comunicação.

Quais são os principais temas ou tópicos de pesquisa em que está a trabalhar atualmente?

Dilar Pereira: Belas-Artes, Desenho (teoria e prática).

Gaozhao Chen, Esperança: A guerra na literatura de Macau; o feminino na literatura de Macau; Literatura de Macau em língua portuguesa.



Hui Wu, Jasmim: As imagens de Macau na literatura portuguesa para a infância e juventude; obras literárias em língua portuguesa sobre Macau.

João Viana: Angola, um filme africano passado em Macau, uma série africana passada em Lisboa, um filme sobre a latitude dos cavalos passado no mar alto no século XVI; um filme rodado em estúdio sobre o projeto colonial e os seus traumas. *Tegritudes Portugal*, que é um projeto de mostra dos 150 melhores filmes africanos de todos os tempos por 50 países africanos e também Portugal.

Solange Luís: O trânsito de ideias no espaço colonial português: suas manifestações literárias e culturais. A recolha e representação da memória na narração da nação angolana.

Manuel Pires: Português na China; Ensino de Línguas; Cidadania Intercultural, Sociolinguística, etc.

Meng Yu, Lúdia: Estudos do Tradutor; Tradução de obras de Mia Couto para o chinês.

Pedro d'Alte: Representações da figura feminina nas literaturas em português a Oriente (Macau e Timor); escritas no feminino (Macau); literatura de Macau.

Peiyu Ma, Vitória: Cidades em tradução, paisagem linguística, políticas linguísticas, políticas de tradução, relações de poder cultural e linguístico, identidade.

Qingxian Liang, Hortência: Literatura de Macau; multilinguismo literário; translinguismo literário.

Vanessa Amaro: Estudos Culturais, cidades pós-coloniais, comunicação intercultural, identidade, simbolismo cultural, património, aquisição linguística, atitudes linguísticas.

Pode partilhar um projeto ou estudo recente no qual está/esteve envolvido?

Dilar Pereira: Relacionado com o ECOAdOR, colaborei com a criação do logótipo e com ilustrações para o livro sobre José Craveirinha, e com ilustrações e um texto para o livro sobre Henrique de Senna Fernandes.

Gaozhao Chen, Esperança: Projeto: "Centre and Periphery: Studies on Culture and Arts-Perspectives from the South" (RP/FLT-10/2022); Estudo: "O feminino na literatura de Macau: em Deolinda da Conceição e Maria Ondina Braga", "Um estudo comparado das traduções inglesa e portuguesa de *O problema dos três corpos: o passado do planeta terra* (?????) sob a perspetiva da tradução feminista", "Representações de género na língua portuguesa: (a)ssimetria(s) e razões", "A Guerra na literatura de Macau: Cheong-sam: a cabaia de Deolinda da Conceição".

Hui Wu, Jasmim: A tradução de 83 poemas de José Craveirinha de português para o chinês. O projeto foi realizado sob a orientação da Professora Doutora Lola Galdes Xavier, elemento coordenadora do Grupo de Estudos ECOADOR. Eu e o meu colega Jing Lu fizemos a tradução dos poemas. O resultado do projeto de tradução, uma antologia bilingue intitulada *Poemas Seleccionados* foi lançada em maio de 2022, com chancela da Praia-



Grande Edições, de Macau. Em 2023, um grupo de quatro poemas selecionados do livro ganhou a primeira edição do Prémio de Tradução de Poesia Xudong da China.

João Viana: Sim, posso referir o filme *No Black Women*, de Zeka Laplaine, rodado na África do Sul sobre um branco que casou com uma mulher negra e que por isso foi preso pelo regime do *Apartheid* e deportado para a Holanda. Quando regressou, a mulher voltou para ele, mas escondeu toda a vida anterior e o facto de ter um filho de outro homem. Viveu com ele, mas o homem sem querer(?) atropelou-a. Meses mais tarde, casou com a amiga. É um documentário contado na primeira pessoa pelos seus intervenientes, que é um documento tocante sobre o *Apartheid*.

Solange: Neste momento, estou a trabalhar na criação de um projecto de recolha de memórias pessoais, com o objetivo de salvaguardar a história local através da criação de um repositório (digital) destas memórias. Algum trabalho já foi desenvolvido em parceria com o Prof. Elison Paim (UFSC, Brasil), no qual foram recolhidas as vivências de cerca de 20 professores angolanos (de diferentes níveis do ensino, gerações e classes sociais). Foram abordados assuntos relacionados com a educação durante os processos de descolonização e de guerra-civil e no actual período de paz. O interesse foi o de perceber como eles “se fizeram” professores em contextos tão adversos. Procurou-se conhecer os seus percursos e as memórias que os marcaram, a fim de melhor compreender a história de Angola. Para além dos artigos já publicados, temos um livro em processo de edição no Brasil. Neste momento, o projeto abarca o ISCED da Huíla, a UFSC e a Unespar (ambas brasileiras) e funciona no âmbito do Mestrado de Ensino da História da África, no ISCED-Huíla. A ideia é de envolver os alunos no processo de recolha de memórias e salvaguardá-las num repositório/arquivo digital, articulado entre as três instituições e aberto ao público em geral.

Manuel Pires: Estou a trabalhar no projeto: «Portuguese teaching and image building of the Portuguese speaking countries in mainland China».

Meng Yu, Lídia: Estou a trabalhar no projeto: “Centre and Periphery: Studies on Culture and Arts-Perspectives from the South” (RP/FLT-10/2022); e a realizar entrevista a tradutoras chinesas de *Terra sonâmbula*, de Mia Couto.

Pedro d’Alte: Houve envolvimento em todos os projetos ECOAdOR, ainda que com papéis e profundidades distintos. No âmbito do grupo CEG-UAB, investiguei as representações literárias sobre períodos bélicos. Relativamente a um grupo de estudos feministas sediado no Brasil, e no âmbito da obra, a publicar *Crítica literária feminista iberoamericana y sus diásporas* (2024), escrevi sobre Ana de Castro Osório.

Peiyu Ma, Vitória: O estudo no qual estou envolvida recentemente se relaciona com as práticas tradutórias na paisagem linguística da cidade de Macau e o artigo relevante foi publicado na revista *Cadernos de Tradução*, em dezembro de 2023.



Qingxian Liang, Hortência: O estudo recente que estive envolvido é Competência intercultural do Padre Joaquim Guerra.

Vanessa Amaro: Em linhas gerais, a minha investigação centra-se na intersecção entre cidades pós-coloniais e o rico mosaico do património português. Recorrendo sobretudo a dados gerados pelo trabalho de campo etnográfico em Macau, atualmente estou envolvida em uma série de projetos em paralelo, nomeadamente: (1) dinâmicas sociais, culturais e económicas relacionadas com a comunidade portuguesa de Macau; (2) a metamorfose de símbolos culturais portugueses na construção da identidade de Macau pós-1999, e (3) o revivalismo e celebração do património colonial português na Macau 'pós-colonial'.

Que contribuições entende que a sua pesquisa trouxe e/ou poderá trazer no âmbito da literatura e cultura?

Dilar Pereira: O intercâmbio internacional entre autores de nacionalidades distintas procurando dar destaque ao estudo sobre criadores ligados aos contextos africano e asiático e o incremento interdisciplinar (que, pessoalmente, me interessa bastante) entre a área da literatura e das artes visuais.

Gaozhao Chen, Esperança: O Grupo, com o seu enfoque interdisciplinar e ênfase nas culturas africanas e asiáticas, especialmente na literatura, pode oferecer várias contribuições significativas no campo da literatura e cultura. Algumas das contribuições possíveis do nosso grupo incluem: ampliação do conhecimento, diálogo intercultural, promoção literária, interdisciplinaridade, estudos comparativos e identidade cultural; ao investigar a construção das identidades locais, o grupo pode contribuir para uma compreensão das complexas dinâmicas culturais nas regiões em estudo.

Hui Wu, Jasmim: Os projetos (por exemplo, o de tradução dos poemas de José Craveirinha) já tornaram (e vão tornar) mais escritores/poetas marginalizados/periféricos ser visíveis em outras culturas, além do mundo lusófono.

João Viana: Tudo que tenha a ver com África, adaptações cinematográficas de obras africanas, interessa-me.

SolangeLuís: Ao recolhermos memórias pessoais, desvelamos uma narrativa que pode ou não reflectir a oficial. Pretendemos, como sugere Walter Benjamin, escovar a história a contrapelo. O diálogo entre as memórias e a literatura potencializa a compreensão da literatura angolana, ao revelar não só o contexto mas, acima de tudo, o espírito da época.

Manuel Pires: As contribuições estão relacionadas com uma maior ou mais aprofundada compreensão e difusão dos fenómenos estudados. O objetivo é contribuir para que qualquer cidadão interessado na matéria possa ter ao seu dispor mais conhecimento ou que lhe permita compreender melhor determinado tema sobre o qual nós (pesquisadores) tenhamos



mais informação ou experiência. Esse será o lado mais “altruísta” da pesquisa, o de produzir conhecimento, o lado mais pragmático é o de exercitar o próprio currículo acadêmico.

Meng Yu, Lídia: A minha área de investigação é uma área em que não há muita gente que se dedique, nomeadamente, sociologia da tradução sobre a literatura africana em língua portuguesa, estudo do tradutor e da tradução literária chinês-português/português-chinês. Tudo que tenha relação com a tradução literária português-chinês/chinês-português pode tornar-se no meu objeto de estudo, é daí que vêm as contribuições.

Pedro d'Alte: De certa forma, continuar a estudar autores da periferia ou da margem dando-lhes visibilidade e contribuindo para um diálogo entre diferentes artes, diferentes espaços e diferentes interlocutores.

Peiyu Ma, Vitória: A meu ver, quanto ao âmbito da literatura e cultura, o grupo de pesquisa ECOAdOR poderá contribuir para aprofundar o intercâmbio linguístico e cultural entre os diferentes países e comunidades em língua portuguesa, promovendo assim uma abordagem mais abrangente sobre as diversas manifestações culturais (e.g., literatura, música, cinema e outras artes) presentes nesses espaços.

Qingxian Liang, Hortência: Serão esperadas contribuições no futuro, explorando mais profundamente tópicos como a intersecção entre a religião e a cultura.

Vanessa Amaro: Acredito que a minha investigação poderá trazer uma compreensão mais profunda das complexidades e nuances da presença portuguesa em Macau, ampliando o conhecimento existente sobre a influência portuguesa em cidades pós-coloniais. Outra perspetiva é que, ao destacar os ícones e símbolos culturais portugueses e a sua relevância na identidade contemporânea de Macau, a minha investigação poderá promover uma maior valorização e preservação desse património, tanto para a comunidade local como para os visitantes. Por fim, também creio que os meus estudos podem contribuir para o fortalecimento de diálogos interculturais, enfatizando a importância da coexistência harmoniosa e do entendimento mútuo em contextos multiculturais.

Que desafios costuma encontrar nas pesquisas que realiza?

Dilar Pereira: Sobre o trabalho que tenho desenvolvido, ligado ao ECOAdOR, destaco o facto de ter pesquisado sobre escritores de quem pouco ou nada conhecia, o que me permitiu não só aprofundar o conhecimento sobre quem foram, mas em especial sobre o que escreveram.

Gaozhao Chen, Esperança: Com base no projeto “Cem anos de Henrique de Senna Fernandes”, no qual participei como membro de ECOAdOR, parece-me que os estudos de culturas e literaturas enfrentam diversos desafios, incluindo o acesso a fontes primárias, manuscritos e documentos históricos, que pode ser complicado devido a restrições geográficas ou culturais, exigindo colaborações locais ou viagens a áreas remotas. Além dis-



so, a barreira linguística é uma consideração crucial, pois a pesquisa em diversas regiões muitas vezes requer o domínio de várias línguas, tornando a tradução e a interpretação cultural complexas. Compreender plenamente um contexto cultural envolve uma apreciação profunda da sua história, tradições, crenças e valores, o que se torna desafiador dada a diversidade e complexidade desses elementos.

Hui Wu, Jasmim: O estabelecimento do *corpus* de estudo (às vezes é difícil ter acesso a todas as obras literárias encontradas); o entendimento das publicações académicas escritas em línguas que não domino. Com a ajuda dos membros do grupo, esses problemas podem ser bem resolvidos.

João Viana: Excesso de ambição. Dificuldades de financiamento. Desinteresse por África.

Solange Luís: Falta de verbas. As verbas para apoio à pesquisa em Angola são escassas. Mesmo para a participação em simpósios, conferências e congressos, os pesquisadores têm que pagar do seu próprio bolso – mesmo quando representam a instituição onde trabalham. Vencer a autocensura é outro obstáculo encontrado.

Manuel Pires: O principal desafio é conseguir ter tempo para se dedicar às pesquisas, tendo em vista todas as funções e papéis profissionais, sociais e pessoais que pautam a vida de um professor universitário. Havendo tempo e vontade, são inúmeros os temas e abordagens a pesquisar.

Meng Yu, Lídia: Na era interdisciplinar, não é nada fácil ser proficiente em tudo, no meu caso, dominar conhecimentos sólidos de Sociologia, da Literatura e da Tradução.

Pedro d'Alte: A grande dificuldade reside no acesso ao acervo. Variadas obras não transitaram para a versão digital. Outras são edições antigas e que estão esgotadas. Nessa lógica, torna-se quase impossível concretizar, pelo menos a partir de Macau, uma literatura comparada mais competente.

Peiyu Ma, Vitória: Nas minhas pesquisas, os principais desafios que costumo enfrentar são: falta de acesso a alguns livros ou artigos relevantes; dificuldades na organização dos dados empíricos recolhidos; necessidades de ajustamento da abordagem inicial; necessidades de introdução da criatividade e *insights* inovadores, etc.

Qingxian Liang, Hortência: O primeiro desafio está relacionado ao acesso a dados. Pode ser difícil encontrar fontes primárias ou dados confiáveis que sejam relevantes para a minha pesquisa. A falta de acesso a informações de qualidade pode impactar a precisão e a abrangência dos resultados.

O segundo desafio é a publicação dos resultados da pesquisa. Encontrar uma plataforma adequada para publicar os resultados e garantir que eles alcancem o público certo também pode ser um desafio.

Vanessa Amaro: Ao realizar pesquisas, deparo-me com vários desafios, dos quais destaco: (1) as limitações temporais: devido a compromissos com outras atividades profes-



sionais, muitas vezes encontro limitações no tempo disponível para me dedicar integralmente à investigação; (2) a escassez de investigadores na mesma área específica, o que limita a minha capacidade de trocar impressões, debater ideias e receber feedback construtivo sobre o meu trabalho; (3) a navegação em um contexto cultural complexo, ou seja, dado o caráter intrincado e multifacetado da herança portuguesa em Macau, é desafiante navegar nas *nuances* culturais e históricas, garantindo que a minha interpretação seja precisa e contextualizada, e (4) acesso a recursos e informações, já que, por vezes, pode ser desafiante obter acesso a certos recursos, documentos históricos ou grupos comunitários em Macau, dadas as sensibilidades pós-coloniais e a natureza única do ambiente.

Pode compartilhar um caso específico em que teve que superar um obstáculo de pesquisa?

Dilar Pereira: Os casos que citei anteriormente, relacionados com a pesquisa sobre autores de língua portuguesa de nacionalidades africana ou macaense, sobre os quais não tinha um conhecimento aprofundado e para cuja obra aceitei o desafio de criar imagens desenhadas.

Gaozhao Chen, Esperança: Quando estava a trabalhar com a revisão sistemática sobre Henrique de Senna Fernandes, encontrar fontes primárias e manuscritos originais era uma tarefa desafiadora, com muitos desses documentos dispersos em bibliotecas diferentes ou sem acesso. Para superar esses desafios, adoto diversas estratégias. Estabeleço colaborações internacionais com pesquisadores em Portugal, Brasil e Macau, especialmente nas áreas africanas e asiáticas de interesse, o que facilita o acesso a fontes primárias relevantes. Além disso, aproveito a digitalização em andamento de acervos em instituições, buscando documentos digitalizados *online* ou solicitando acesso a materiais ainda não disponíveis publicamente. Quando necessário, planeio visitas de pesquisa a bibliotecas e arquivos específicos para examinar documentos originais.

Hui Wu, Jasmim: No processo de tradução dos poemas de José Craveirinha, encontrávamos, muitas vezes, versos ou expressões em que tínhamos dificuldades na compreensão. Pedíamos, portanto, ajuda aos elementos do grupo. Com o esforço da professora Lola Xavier, tivemos até o auxílio do filho do poeta, o que contribuiu muito para a nossa compreensão do texto original.

João Viana: Recentemente não fui admitido num concurso público porque o Ministério dos Negócios Estrangeiros Português não tem acordos cinematográficos com o Congo. A verdade é que as relações e o historial de acordos entre Portugal e o Congo têm cinco séculos.

Solange Luís: Em Angola existe a autocensura. A poesia ajuda o sujeito a ultrapassar esse obstáculo recorrendo ao hermetismo da linguagem literária. A estética funciona como uma espécie de escudo linguístico. Já na narrativa de uma memória, o sujeito está



completamente vulnerável e pode retrair-se. A retração devido à autocensura resulta de eventos que deixaram marcas profundas na memória colectiva (cf. Halbwachs), que causaram fissuras sociais e traumas incalculáveis que perduram e se mostram (ou não) nas memórias e na literatura (que é, muitas vezes, a expressão de uma memória). Esse é um desafio difícil de transpor: tanto para os sujeitos da pesquisa, como para os pesquisadores angolanos.

Manuel Pires: No âmbito do que afirmei anteriormente, pesquisar pressupõe que se abdique de tempo que normalmente dedicaríamos a outras funções. Para além dessa questão, do tempo que não se pode acompridar, há várias situações que surgem dependendo de cada pesquisa em particular, por exemplo, os recursos necessários para levar a cabo algumas pesquisas, como *softwares* ou equipamentos específicos que, quando não disponíveis, influenciam ou, inclusive, inviabilizam as investigações.

Meng Yu, Lídia: Durante a pesquisa sobre as editoras e os tradutores envolvidos na tradução das literaturas africanas em língua portuguesa para o chinês, deparei-me sempre com uma dificuldade de ter acesso a materiais suficientes e significativos, por causa da pouca atenção prestada a esta área. Portanto, foi preciso eu própria recolher os dados e realizar entrevistas a tradutores, à editora, à instituição a que os agentes pertencem, etc.

Pedro d'Alte: Acesso a biografia como: "*City of broken promises*" de A. Coates (ainda não consegui adquirir uma cópia); registos de E. de Andrade sobre Macau; Agustina Bessa-Luís; Maria Ondina Braga (quase toda a obra). Também o mercado audiovisual é de impossível acesso: não se consegue obter cópias dos filmes criados a partir dos romances de Senna Fernandes ou mesmo de filmes mais recentes que têm Macau como pano de fundo como: "Hotel Império". A única forma possível tem sido com recurso a viagens e compra em sítios de artigos em segunda mão.

Peiyu Ma, Vitória: Tomando como exemplo a minha pesquisa recente, após o levantamento de dados por meio de trabalho de campo etnográfico, recolhi mais de 26 mil amostras de língua na paisagem urbana de Macau, o que faz com que a organização, classificação e reconhecimento de carateres em fotografias sejam um grande obstáculo de pesquisa que tenho de superar.

Qingxian Liang, Hortência: O principal desafio que enfrentei foi o acesso limitado a algumas obras literárias cruciais que estavam fora de impressão e não estavam disponíveis digitalmente. Padre Joaquim Guerra faleceu há muito tempo e, portanto, não há muitos recursos contemporâneos ou relatos de primeira mão disponíveis.

Vanessa Amaro: Durante uma das fases mais críticas da minha investigação em Macau, deparei-me com um obstáculo significativo relacionado com o acesso e interpretação de fontes primárias. A maioria dos documentos e registos históricos que eu precisava consultar estavam escritos em chinês. Para superar esse desafio, recorri ao auxílio de as-



sistentes de investigação que são fluentes tanto em chinês como em português e/ou inglês. A sua competência linguística foi fundamental não apenas para traduzir e interpretar os documentos, mas também para proporcionar um contexto cultural e histórico que me permitiu compreender melhor as *nuances* e subtilezas do material. Além disso, ao integrar com a comunidade local e ao tentar estabelecer conexões com informantes-chave, a presença de assistentes bilingues foi crucial. Eles serviram como pontes culturais, facilitando a comunicação e garantindo que as minhas interações fossem respeitadas e informadas culturalmente.

Que *insights* obtive ao colaborar com indivíduos de diferentes disciplinas?

Dilar Pereira: A questão dos cruzamentos disciplinares interessa-me bastante, pois nas zonas de fronteira podem surgir pistas de investigação que abrem novas possibilidades de estudo e caminhos inusitados. As colaborações desenvolvidas no âmbito do ECOAdOR, permitiram-me ter contacto sobre personalidades com as quais, sem esta interação, possivelmente nunca viria a investigar.

Gaozhao Chen, Esperança: Atualmente, ainda não tenho a oportunidade de colaborar com académicos de outras disciplinas; no entanto, acredito que, ao envolver-me em colaborações interdisciplinares, poderíamos colher benefícios significativos. Essas parcerias podem proporcionar perspectivas multidisciplinares enriquecedoras, complementaridade em métodos de pesquisa, diversidade em abordagens teóricas, ampliação de fontes e recursos disponíveis, além de promover uma sensibilidade intercultural e interdisciplinar valiosa para o trabalho académico.

Hui Wu, Jasmim: Um trabalho colaborativo vai desafiar os membros do grupo a pensar de forma integrada. Os investigadores também podem aproveitar um conjunto de conhecimentos existentes para não ser preciso de começar do zero. Como diz um velho provérbio chinês: ganhar o dobro do resultado com metade do esforço ().

João Viana: Nota-se falta de perseverança da parte dos meus parceiros de outras disciplinas.

Solange Luís: Observar um objeto, por meio de diferentes perspectivas, proporciona outras dimensões ao estudo, possibilita outras compreensões que agregam outros saberes. Conhecer outros aportes teóricos é um fator fundamental e enriquecedor.

Manuel Pires: É sempre bom contactar com a diversidade ou a interdisciplinaridade, pois tornam as nossas pesquisas e a nossa forma de estar na investigação muito mais profícuas, adquirem-se outras perspectivas, conhecimentos e experiências que nos desafiam e nos trazem mais-valias. A investigação não é diferente das nossas vidas no sentido em que a interação com a diversidade e a pluralidade nos torna cidadãos mais preparados e interessantes. Aprendemos sempre com os outros.

Meng Yu: Este mundo é composto por diferentes partes com diferentes perspectivas/



disciplinas, algumas complementadas, outras opostas. Para o bem e para o mal, há de se encontrar uma forma de se enriquecer o próprio estudo, colaborar com indivíduos de diferentes disciplinas por meio desta forma perfeita de o realizar.

Pedro d'Alte: Essencialmente, aprofundamento de conhecimentos e, por vezes, algum reposicionamento face a perspectivas próprias sobre um assunto ou autor estudado.

Peiyu Ma: No meu caso particular, ao colaborar com indivíduos da área da sociolinguística, tive contato com os conceitos de paisagem linguística e *translanguaging*, ambos campos de estudo recentes que podem contribuir para estimular a criatividade e enriquecer os estudos tradicionais de tradução.

Qingxian Liang: A colaboração com indivíduos de diferentes disciplinas proporcionou-me *insights* que levaram a aprendizagem contínua e inovação.

Vanessa Amaro: Ao colaborar com especialistas de diferentes disciplinas, ganhei uma compreensão mais holística dos temas, beneficiando de abordagens inovadoras e ampliando a minha perspectiva. Essas interações interdisciplinares adicionaram profundidade e *nuance* à minha investigação, permitindo-me abordar questões com maior complexidade e insight.

O que o/a motiva a pesquisar literatura e cultura e como se interessou por essa área?

Dilar Pereira: O interesse pela literatura e pela pesquisa sobre os limites e cruzamentos disciplinares, em especial entre literatura e artes visuais. A questão hermenêutica da tradução de uma obra de determinada expressão, numa expressão absolutamente distinta.

Gaozhao Chen, Esperança: Desde a infância, nutro uma paixão genuína por livros, arte, música e outras expressões culturais, encontrando fascínio na exploração da criatividade humana que abarca história, emoções e a própria essência da humanidade. A curiosidade intelectual é uma força motriz, impelindo-me a buscar respostas para questões profundas sobre a natureza da sociedade, identidade cultural e interações humanas. Além disso, vejo a pesquisa literária e cultural como uma contribuição valiosa para expandir o conhecimento humano, motivada pela oportunidade de fazer novas descobertas e contribuir para a compreensão global da cultura e literatura.

Hui Wu, Jasmim: O meu avô materno era jornalista. Não sei se isso me influenciou. Ele possuía uma grande coleção de livros. Desde criança que eu o acompanhava no estúdio e líamos, em conjunto ou separadamente, obras literárias.

João Viana: A literatura é a primeira das artes. O meu pai é poeta.

Solange Luís: Entendo a literatura como espaço de criação (cultural), de recriação (da memória) e de recreação (estética). Entendo-a como expressão multidimensional do espírito de uma época.

Manuel Pires: A pesquisa sobre as questões culturais ligadas ao ensino da língua portu-



guesa advém da experiência profissional de ensinar português na China ao longo de vários anos. É algo empírico, prático, experiencial que está muito ligado ao que eu tenho feito diariamente, motivos pelos quais entendo que posso ter algo a dizer e a escrever sobre essa temática.

Meng Yu, Lídia: Consciência sobre literatura e cultura é necessária para os pesquisadores de Humanidades. São incontornáveis, de alguma maneira, conhecimentos sobre literatura e cultura, não importa qual seja a área específica de estudo. O contacto com a literatura africana e a sua tradução começou pela leitura de *A confissão da leoa*, de Mia Couto e a sua tradução em chinês.

Pedro d'Alte: Tenho um fascínio inexplicável por relógios e livros. Gosto de colecionar livros e de os ler. Também tento ler livros associados a lugares onde trabalhei, residi ou estive de férias. Por esse motivo, fui construindo um mosaico fragmentado sobre representações de vários espaços e fui compreendendo a cultura em um “olhar a partir de dentro”. Associar este gosto à profissão foi um passo relativamente natural.

Peiyu Ma, Vitória: Como sabemos, por razões históricas, Macau caracteriza-se atualmente pelo seu multilinguismo e multiculturalidade, o que torna a cidade um cenário ideal para pesquisa de tradução. Ora, em virtude dos laços indestrincáveis entre tradução e cultura, as investigações no âmbito dos Estudos de Tradução implicam também uma abordagem referente às culturas envolvidas. Daí nasceu o meu interesse por essa área.

Qingxian Liang, Hortência: O que me motiva a pesquisar literatura e cultura é o meu interesse pessoal e a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento profissional nessa área.

Vanessa Amaro: O meu interesse por cultura, e em particular pelas questões da interculturalidade, sempre esteve intrinsecamente ligado à minha vida pessoal. Sendo filha de pais imigrantes, passei a minha vida a navegar por diversas culturas, experienciando em primeira mão os desafios e belezas da confluência cultural, o que naturalmente me conduziu a um desejo profundo de explorar e compreender essas dinâmicas através da pesquisa.

Quais são algumas considerações éticas específicas da sua área?

Dilar Pereira: O compromisso de tentar contribuir de forma criativa para o desenvolvimento do conhecimento; respeitar a questão da autoria, citando sempre devidamente as fontes e estudos que estão na base do meu trabalho de investigação; utilizar clareza na escrita e na precisão científica; manter-me disponível para a alteração, revisão e crítica em relação às minhas produções artísticas e científicas, com vista ao respeito pela verdade científica e autenticidade do pensamento e conhecimento. Por fim, mas não menos importante, apresentar disponibilidade para o trabalho colaborativo e partilha e discussão sobre dificuldades e resultados.

Gaozhao Chen, Esperança: A investigação na área literária e cultural está sujeita a várias



considerações éticas específicas, assim como qualquer outra área de pesquisa acadêmica. Essas considerações éticas podem ser particularmente relevantes devido à natureza das obras culturais e literárias que muitas vezes envolvem representações de identidades, valores e sociedades. Na minha opinião, as considerações éticas específicas para a área literária e cultural incluem garantir uma representação justa e respeitosa, obter consentimento e permissão adequados, preservar a privacidade e confidencialidade, e evitar plágio e citações inadequadas.

Hui Wu, Jasmim: Como o estudo literário é uma das atividades artístico-reflexivas, deve-se evitar a utilização indevida de ideias da autoria alheia sem referência pela fonte original.

João Viana: O cinema é exercido e financiado mundialmente por uma elite corporativa.

Solange Luís: Como em qualquer ciência, mantermo-nos fiéis aos resultados obtidos.

Manuel Pires: Um exemplo de considerações éticas pode ser o zelo ou cuidado a ter com os dados dos participantes quando se utilizam métodos como questionários ou entrevistas.

Meng Yu, Lídia: O estudo da Sociologia da tradução exige pesquisa empírica, como, por exemplo, entrevista, questionário, pesquisa de campo. Esses métodos levam tempo e não obtêm necessariamente resultados. Nos estudos encontro afirmações não verificadas e comentários irresponsáveis.

Pedro d'Alte: Algumas são transversais como o plágio, a cópia, a omissão de fontes; outras mais emergentes como a utilização de *software* relativo à escrita assistida pela inteligência artificial. Ambas devem ser mantidas fora da escrita acadêmica.

Peiyu Ma, Vitória: Em relação à minha área de investigação, isto é, tradução, uma das considerações éticas essenciais consiste no respeito à diversidade cultural e às culturas distintas (tanto de partida como de chegada). Nas suas práticas de trabalho, os intérpretes-tradutores devem, assim, ter a sensibilidade cultural e manter a sua posição de neutralidade, evitando a imposição de preconceitos, estereótipos e opiniões pessoais.

Qingxian Liang, Hortência: As considerações éticas na minha área incluem dar crédito adequado às fontes, respeitar direitos autorais, proteger a privacidade dos participantes de pesquisas e adotar práticas responsáveis.

Vanessa Amaro: Na minha área de investigação, uma das principais preocupações éticas é a salvaguarda do anonimato dos participantes. Dado que realizo entrevistas aprofundadas que revelam informações pessoais e perspectivas íntimas, é imperativo garantir a confidencialidade, especialmente considerando que Macau é um lugar pequeno, onde a proteção da identidade dos entrevistados é crucial para manter a sua privacidade e segurança.

Há algum autor, obra ou fenómeno cultural que tenha inspirado particularmente a sua pesquisa?

Dilar Pereira: Sim, por exemplo, o trabalho do artista português Júlio Pomar e a sua rela-



ção com a literatura. Também de Victor Hugo, escritor e desenhador ou ainda o trabalho de vários artistas contemporâneos no campo do desenho que exploram a questão dos limites desse próprio campo.

Gaozhao Chen, Esperança: Vou dar um exemplo de um autor que teve uma influência profunda em mim. Li Yinhe (李銀河), escritora, socióloga, especialista em estudos de gênero e feminista chinesa. Ela foi a primeira socióloga que explora os estudos de gênero na China e, em 1999, foi classificada como uma das 50 pessoas mais influentes na China pela revista *"Semana Asiática"*. Mostrou-me o poder das palavras das mulheres e foi por meio dela que entrei em contacto pela primeira vez com os estudos de gênero. O que a torna especial é que ela não apenas escreve obras literárias, mas também conecta literatura e sociologia de perto. Desde o início, ela tentou influenciar a sociedade por intermédio da literatura e depois estudou teoria sociológica e a aplicou-as em atividades sociais.

Hui Wu, Jasmim: Tenho alguns autores que me influenciaram muito no estudo imagológico, como Hugo Dyserinck, Joep Leerssen, Daniel-Henri Pageaux, Emer O'Sullivan, etc.

João Viana, Sim: João-Maria Vilanova, poeta angolano.

Solange Luís: Fanon foi particularmente importante como autor, por despertar a minha curiosidade sobre a violência da colonização e os seus resquícios psicológicos. A guerra, o trauma e a violência podem ser compreendidos como aspetos culturais. A própria cultura traz em si as marcas da violência (cf. Walter Benjamin). Essas marcas interessam-me, no sentido em que se manifestam na cultura e até a criam.

Manuel Pires: Existem vários... É um pouco como quando nos pedem para escolher as canções ou filmes preferidos, é relativo e vamos sempre acabar por nos esquecer daquele filme ou daquela música. Enfim, posso nomear Michael Byram que tem uma obra extensíssima no campo da interculturalidade no ensino de línguas; Milton Bennett também nos Estudos Interculturais, assim como Rodrigo Alsina, Stuart Hall, Stella Ting-Toomey, Edward T. Hall (o pai ou avô da comunicação intercultural); Norman Denzin, outro pai, mas da pesquisa qualitativa. Enfim, há muitos pais, mães e filhos que nos vão marcando à medida que vamos lendo e pesquisando.

Meng Yu, Lídia: Apenas a título exemplificativo, por ordem alfabética: Hélène Buzelin, Itamar Even-Zohar, Latour Bruno, Liu Yunhong, Pierre Bourdieu, Wang Baorong.

Pedro d'Alte: Ter vivido em Timor e, sobretudo, o estudo de autores timorenses fez-me repensar o pouco que se sabe, em Portugal, sobre outros espaços que falam e escrevem em português, sobre a rigidez e imutabilidade do cânone, dos autores e dos textos que se ensinam nas escolas de Portugal. É interessante perceber que muitos autores portugueses figuram em provas escolares e académicas no Brasil, mas o mesmo não se sucede em Portugal. Os exames obrigatórios tendem a ser bastante conservadores no que diz respeito ao *corpus* literário nacional. É um aspeto interessante. A incessante presença de Camões, Eça



ou Pessoa continuará a deixar autores de lado como António Lobo Antunes, Agustina Bessa Luís, Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto e outros que, decerto, merecem menção (para não falar de autores de países ou lugares onde se escreve em português). É interessante perceber que a literatura, fenómeno em trânsito, parece estar, em Portugal, cristalizado, de certa forma. A sensibilidade é esta: estar atento ao que se produz e tentar o diálogo.

Peiyu Ma, Vitória: Sherry Simon e a sua obra *"Cities in translation: Intersections of language and memory"* (2012), por meio da utilização da tradução tanto como metáfora como facto empírico, têm inspirado particularmente a minha pesquisa.

Qingxian Liang, Hortência: Autores na literatura de Macau e autores que abordam o multilinguismo e translanguismo literário, feminino, mulher, algumas culturas à beira de extinção.

Vanessa Amaro: Há uma série de autores fundamentais para a área dos estudos pós-coloniais e culturais, dos quais destaco aqui alguns: Edward Said (fundamental para entender como o Ocidente representou o Oriente ao longo da história, moldando discursos coloniais); Gayatri Chakravorty Spivak (representação e a voz dos subalternos no discurso colonial); Homi Bhabha (conceitos de hibridização e ambivalência); Frantz Fanon (a 'psicologia' do colonialismo e a descolonização); Stuart Hall (fluidez da identidade no mundo contemporâneo); Clifford Geertz (interpretação/leitura das culturas), e Benedict Anderson (construção de identidades nacionais e o conceito de nação como uma comunidade imaginada).

Que conselho daria a estudantes ou aspirantes a pesquisadores que estão a pensar em ingressar em um grupo de pesquisa em literatura e cultura?

Dilar Pereira: Estar motivado, gostar genuinamente do trabalho de pesquisa e de escrita. Para estar motivado a escolha dos temas deve ser do verdadeiro interesse do investigador/estudante. Todos os temas são bons, é preciso estar verdadeiramente interessado no seu estudo/pesquisa e aprofundamento.

Gaozhao Chen, Esperança: Embora também eu esteja no início da minha carreira académica, penso que as seguintes sugestões são úteis para estudantes ou aspirantes a pesquisadores que estejam considerando ingressar num grupo de pesquisa em literatura e cultura. É crucial definir claramente os seus interesses de pesquisa, explorar os grupos disponíveis, e participar ativamente de reuniões e seminários. Estar aberto a colaborações, manter-se atualizado, e estar preparado para desafios também são elementos essenciais. Além disso, manter a paixão e curiosidade ao longo desse percurso académico é fundamental.

Hui Wu, Jasmim: Seja corajoso para questionar, mas, ao mesmo tempo, mantenha a humildade. Participar em um grupo de investigação significa um combate de ideias diferentes, por isso, penso que é importante apresentar as perspetivas e confusões de si próprio,



mesmo que isso exija coragem. Muita inspiração surpreendente vem do *brainstorming*.

João Viana: Perseverança.

Solange Luís: Observar a cultura e a literatura por meio de diferentes lentes/perspetivas, que estabeleçam diálogos com outras disciplinas de forma a enriquecer o seu entendimento cultural e literário, sem perder de vista os pressupostos basilares da interpretação textual.

Manuel Pires: Antes de ingressar num grupo de pesquisa, é importante ter uma compreensão clara dos interesses, tentando encontrar um grupo de pesquisa que esteja alinhado com essas pretensões. Nem sempre é fácil, mas é um pouco mais quando estamos num grupo com o qual nos identificamos. Eu que vou muito pelo lado da experiência, da prática ou da interação aconselharia que os estudantes trabalhassem algo relacionado com as suas experiências de vida ou de trabalho e não apenas algo puramente teórico ou desprendido desse valor empírico.

Meng Yu, Lídia: Continuar a ler, continuar a refletir, continuar a ter o seu próprio julgamento.

Pedro d'Alte: Dois conselhos, apenas. O primeiro é a adoção de dois comportamentos nucleares: ler literatura e ler crítica literária sobre os autores apreciados. Não existem atalhos. O segundo conselho é experienciar a cultura nas suas diferentes manifestações e suportes: teatro, cinema, música, museus, viagens, gastronomia, etc.

Peiyu Ma, Vitória: Para estudantes ou aspirantes a pesquisadores que estão a pensar em ingressar num grupo de pesquisa no âmbito da literatura e cultura, acho que o fundamental é identificar primeiramente os seus próprios interesses académicos em literatura e cultura e escolher depois um grupo cujas linhas de investigação estejam em conformidade com os seus interesses. É também importante ser proativo na troca de ideias e partilha de recursos com os outros membros do grupo, o que pode ajudar a, por um lado, criar mais oportunidades de pesquisa, e, por outro, desenvolver as capacidades de comunicação e cooperação.

Qingxian Liang, Hortência: O meu conselho para estudantes ou aspirantes a pesquisadores que desejam ingressar em um grupo de pesquisa em literatura e cultura é: mantenha um forte interesse na área e seja persistente em sua busca pelo conhecimento.

Vanessa Amaro: Considero que o principal é manterem uma mente aberta e curiosa, já que se trata de áreas ricas em *nuances* e perspectivas. É fundamental encontrar verdadeiramente algo que os apaixona, de forma a que a investigação seja um verdadeiro prazer. Além disso, estabelecer conexões e redes com outros académicos e pesquisadores é muito importante, porque a colaboração e o intercâmbio de ideias enriquecem enormemente a pesquisa. Finalmente, em um mundo onde encontramos cada vez mais facilidades para nos tornarmos máquinas altamente produtivas, eu aconselho aos mais jovens que deem prioridade à ética e ao bom senso.



Há alguma lição ou experiência valiosa no domínio da investigação que gostaria de compartilhar?

Dilar Pereira: É preciso gostar verdadeiramente do trabalho de investigação e pesquisa. Ter como objetivo o rigor científico e a perseverança para o trabalho árduo da escrita. Manter elevados padrões de exigência nestes dois campos.

Hui Wu, Jasmim: Na minha ótica, a chave para o sucesso da investigação é a persistência. É importante manter o ritmo e o hábito de escrever e ler, mesmo quando se está ocupado com outras tarefas.

João Viana: Abrir o jogo *ab initio* a todos.

Solange Luís: Como pesquisadora e fruto desta história de violência que é a angolana, a autocensura foi um dos obstáculos que precisei ultrapassar. Não deve ser menosprezada e requer muita autorreflexão.

Manuel Pires: Ao investigar conhecemos melhor o mundo, conhecem-se pessoas, mas também nos compreendemos melhor. Estudar é isso, instruímo-nos. Um investigador está sempre a investigar, tal como na vida estamos sempre a aprender. Em uma perspectiva mais epistemológica, é um trabalho como qualquer outro que se pautar por um crescimento e aprendizagem contínuos. É um dar e receber que enriquece (o espírito).

Meng Yu, Lídia: Nunca parar de questionar o que acha questionável, mesmo perante os estudos bem prestigiados ou feitos por grandes nomes, uma vez que fazer estudo é fazer críticas por meio do diálogo com o passado para chegar a um novo futuro.

Pedro d'Alte: A escolha de temas e de autores é crucial. Convém que seja periférico o suficiente, mas não demasiado marginal, caso contrário não existe interesse na publicação ou no financiamento do estudo. Igualmente importante é a visão de futuro. Diria ser benéfico que o investigador pense a longo prazo e invista em áreas que lhe permitam uma certa especialização.

Peiyu Ma, Vitória: De acordo com a minha experiência pessoal, no domínio da investigação, a cooperação com académicos de áreas distintas pode trazer conhecimentos novos e perspetivas inovadoras, enriquecendo assim os estudos pertinentes. Aliás, a formulação clara das perguntas de pesquisa antes do início de projetos e uma gestão eficiente do tempo também são cruciais para aumentar a produtividade.

Qingxian Liang, Hortência: Por mim, uma experiência valiosa na pesquisa é a importância da revisão por pares para garantir a qualidade e a validade dos resultados.

Vanessa Amaro: Uma lição valiosa que aprendi no domínio da investigação é a importância de confiar na própria capacidade intelectual enquanto se permanece aberto ao *feedback* construtivo. O processo de revisão por pares, embora muitas vezes desafiador e até mesmo desanimador, é fundamental para aprimorar e solidificar o trabalho. Cada crítica e sugestão é uma oportunidade de crescimento e refinamento. Por isso, encorajo



a não desanimar com as revisões, mas sim abraçá-las como uma parte crucial do processo de construção e evolução académica. Outra questão crucial é ter muito cuidado na partilha de dados de pesquisa com outros investigadores. É essencial esclarecer como os dados serão usados, se serão publicados e como os créditos e reconhecimentos serão atribuídos. Isto é crucial para evitar mal-entendidos e conflitos relacionados à propriedade intelectual e ao reconhecimento académico.

Na sua opinião, quais são algumas das direções mais promissoras para futuras pesquisas em literatura e cultura?

Dilar Pereira: Explorar os limites do campo e o seu atravessamento.

Gaozhao Chen, Esperança: Na minha visão, para futuras pesquisas em literatura e cultura, direções mais promissoras incluem explorar estudos pós-coloniais e descolonização, investigar a fundo estudos de género, abordar questões relacionadas à migração e diáspora, examinar a intersecção entre literatura e política, analisar estudos de cultura popular e investigar narrativa e memória coletiva. Essas áreas oferecem vastas oportunidades para avançar o nosso entendimento e enriquecer o campo académico.

Hui Wu, Jasmim: Estou a pensar em dois extremos: a literatura “mundial” e a indígena (afrofuturismo e futurismo indígena, por exemplo).

João Viana: África.

Solange Luís: Refletir sobre as interseções culturais, sociais e políticas entre povos africanos e entre África e o resto do mundo – principalmente (mas não somente) em uma perspetiva local – de um olhar de dentro para fora, introspetivo.

Manuel Pires: As pesquisas em cultura são como a água de um rio impetuoso que nunca está estanque. Todas as transformações sociais e culturais, os desafios tecnológicos ou os desequilíbrios e conflitos que estamos a viver constituem fontes abundantes de temas para os Estudos Culturais. O mesmo se aplica à literatura que tem tido muitos desafios, sendo um tipo de arte que requer mais tempo, que tem mais dificuldade em se materializar na efemeridade e no imediatismo dos tempos atuais, mas que é sempre importante para fruímos e compreendermos o mundo em que vivemos.

Meng Yu, Lúdia: Aliança entre os estudos de literatura, cultura e tradução. Qualquer estudo sozinho é limitado e corre o risco de ficar cercado no seu próprio círculo. Recorrer às disciplinas vizinhas a procurar mais possibilidades de estudo propicia a que os objetos de estudo sejam perscrutados a partir de perspectivas mais multidimensionais.

Pedro d'Alte: A relação destas com a inteligência artificial será, nos próximos tempos, o tema central de pesquisas. Outro aspeto emergente são os estudos de género que têm vindo a receber mais atenção mediática. Veja-se, em Portugal, o crescente número de títulos associado a este tópico e o próprio posicionamento destes livros nas estantes das



principais livrarias.

Peiyu Ma, Vitória: Do meu ponto de vista, a literatura feminina/feminista e pós-colonial (sobretudo no contexto africano e asiático) e a abordagem de cidades em tradução são algumas das direções mais promissoras para futuras pesquisas em literatura e cultura.

Qingxian Liang, Hortência: Digitalização da Literatura e da Cultura, por exemplo, uma chamada mais recente de uma revista (*"Diacrítica"*) conta com um tópico que é "Patrimônio textual: abordagens interdisciplinares".

Vanessa Amaro: Na minha opinião, algumas das direções mais promissoras para futuras pesquisas em cultura incluem a exploração das interações e fusões culturais num mundo globalizado, o estudo das representações e identidades em plataformas digitais e redes sociais, a análise de como as mudanças climáticas e desafios ambientais influenciam as narrativas culturais, e a investigação das respostas culturais às rápidas inovações tecnológicas, especialmente no que diz respeito à inteligência artificial e à realidade virtual.

Como imagina o papel dos grupos de pesquisa?

Dilar Pereira: Como atualmente, integrados nas Faculdades/ Universidades ou no seio de outras instituições culturais/de investigação científica. Também em torno de projetos específicos que possam partir de outras esferas da sociedade civil (por exemplo, associações, grupos).

Gaozhao Chen, Esperança: O papel dos grupos de pesquisa é fundamental no avanço do conhecimento em diversas áreas académicas, incluindo literatura e cultura. Em primeiro lugar, os grupos de pesquisa podem proporcionar um ambiente propício à colaboração entre investigadores com interesses e especializações semelhantes e promover a troca de ideias, experiências e conhecimentos, o que pode enriquecer a investigação e levar a abordagens interdisciplinares. Em segundo lugar, podem incentivar a inovação ao oferecer um ambiente onde os investigadores são encorajados a explorar novas abordagens, tecnologias e métodos de investigação. Promovem também a disseminação de resultados de investigação através de conferências, publicações académicas e outros meios. Em terceiro lugar, os investigadores podem expandir as suas redes profissionais ao participar de grupos de pesquisa, conhecendo outros académicos e colaboradores em potencial. Isso pode levar a oportunidades de colaboração futura e ao compartilhamento de recursos. Por último, em áreas como literatura e cultura, onde os tópicos podem ser complexos e multifacetados, os grupos de pesquisa podem fornecer uma estrutura para a análise aprofundada e a discussão crítica. Além disso, os grupos muitas vezes têm mais acesso a recursos académicos, bibliotecas, arquivos e financiamento de investigação do que os indivíduos que podem ser benéficos para os investigadores.

Hui Wu, Jasmim: Os grupos de estudo poderão oferecer inspirações à investigação inde-



pendente/individual.

João Viana: Furtiferos.

Solange Luís: Os grupos de pesquisa são importantes principalmente quando agregam diferentes áreas do saber, trazendo outras perspectivas que irão enriquecer aqueles que neles participam. Um objeto de estudo, quando analisado a partir de diferentes perspectivas e enquadramentos teóricos, enriquece a compreensão desse objeto, revelando todas as suas dimensões. Essa troca acadêmica proporciona um processo dinâmico de contributo e de aprendizagem onde todos ganham.

Manuel Pires: Os grupos de pesquisa são importantes na medida em que normalmente em grupo as ideias afluem mais facilmente, pode haver entreajuda, convergência, divisão de tarefas, dores que se partilham, trabalhos que se agilizam, experiências que se complementam... Penso que é sempre positivo quando o ambiente é saudável e os interesses convergem.

Meng Yu, Lúdia: Trata-se de uma plataforma "sem fronteira" para os investigadores de diferentes contextos se reunirem, partilharem dúvidas, integrarem ideias complementares e formarem projetos criativos e interdisciplinares.

Pedro d'Alte: Atualmente, são agregadores de esforços e canalizam a atenção para um determinado feixe de estudo. Também fomentam publicações ou uma certa visibilidade para os seus membros. É, sobretudo, um espaço de esforço, de trabalho e de partilha. Pela exigência, é recomendável que apenas se pertença a um grupo cuja temática seja do interesse pessoal do investigador e que não seja, apenas ou tanto quanto possível, uma mera formalidade ou obrigação.

Peiyu Ma, Vitória: Na minha perspectiva, o papel fundamental dos grupos de pesquisa para investigação académica revela-se sobretudo na criação de um ambiente profícuo para a cooperação multifacetada e o intercâmbio dinâmico entre pesquisadores de diferentes áreas, o que poderá, por meio do compartilhamento de conhecimentos e recursos, estimular reflexões críticas e abordagens interdisciplinares relativas a um tópico específico de foco, trazendo deste modo novas possibilidades às publicações académicas e *outputs* de investigação.

Qingxian Liang, Hortência: Os grupos de pesquisa têm um papel importante na descoberta e exploração de novas ideias, na promoção e conscientização sobre a literatura e cultura, e na preservação do património. Além disso, eles facilitam a colaboração e *networking* entre pesquisadores.

Vanessa Amaro: Na minha opinião, os grupos de pesquisa são essenciais para a promoção do conhecimento e da inovação. Dependendo da dinâmica do grupo, pode atuar como catalisador da colaboração interdisciplinar, combinando diferentes competências e perspectivas para abordar questões complexas de forma holística. Também acredito



que um grupo de pesquisa pode ser um espaço de mentorado para jovens investigadores, oferecendo-lhes um espaço de partilha intelectual.

Na sua opinião, o que torna a pesquisa em grupo mais significativa e gratificante?

Dilar Pereira: A possibilidade de partilha de conhecimento, de discussão, interação, que pode oferecer.

Gaozhao Chen, Esperança: A pesquisa em grupo é significativa e gratificante por várias razões. Primeiramente, permite a troca constante de ideias e conhecimento entre os membros do grupo, enriquecendo a pesquisa com diferentes perspetivas e abordagens. Além disso, a pesquisa em grupo favorece a colaboração interdisciplinar, reunindo pessoas com diferentes formações académicas para abordar problemas complexos de forma mais abrangente e inovadora. Outro benefício importante é a aprendizagem contínua proporcionada pela pesquisa em grupo. Os investigadores têm a oportunidade de aprender com os outros, adquirindo novas competências, técnicas de investigação e conhecimentos culturais. Além disso, trabalhar em grupo oferece apoio emocional e motivação mútua, o que é essencial para manter o entusiasmo e a dedicação ao longo do processo de investigação, que pode ser desafiador e demorado. A pesquisa em grupo também promove a colaboração e a partilha de conhecimentos, culminando em realizações conjuntas. Os membros podem oferecer feedback construtivo uns aos outros, melhorando a qualidade da investigação e da escrita. Adicionalmente, a investigação em grupo frequentemente tem um impacto maior, levando a publicações conjuntas, apresentações em conferências e influência nas políticas e práticas num campo específico. Por último, a colaboração em grupos de pesquisa ajuda os investigadores a desenvolver habilidades de liderança, comunicação e gestão de projetos, contribuindo para o seu crescimento profissional.

Hui Wu, Jasmim: Um “líder” /coordenador organizado e um grupo de membros criativos são elementos indispensáveis para uma equipa produtiva.

João Viana: Ir ao encontro da natureza compósita do ser.

Solange Luís: A colaboração torna o trabalho mais gratificante: há troca de experiências, vivências e, acima de tudo, de ideias – o que torna a pesquisa mais complexa, pluri-dimensional. A pesquisa é, de forma geral, um processo individual e solitário. Quando existe sincronia, trabalhar em grupo permite que se atinja mais e de forma mais dinâmica. Contudo, é preciso reconhecer que nem todas as pessoas apreciam o trabalho em grupo, há quem trabalhe melhor sozinho – o que não impede que traga o seu contributo dessa forma, mesmo que não participe de maneira mais direta, como por exemplo, no processo de *brain storming*, ou de escrita coletiva.

Manuel Pires: Redigo o que registei anteriormente e acrescento que pertencer a grupos de pesquisa talvez aflore um pouco mais o currículo de cada pesquisador e possa,



também, facilitar uma maior produção de pesquisas. De modo a bifurcar a resposta, de acordo com a pergunta, a dimensão significativa relaciono-a com um lado mais prático (possibilitar mais pesquisas, currículo, contactos, projectos, publicações, etc.), enquanto a gratificação associa-a a uma vertente mais emocional e social, de pertença a um grupo de pessoas com o qual se tem algo a empatizar e a partilhar.

Meng Yu, Lídia: a formação de uma comunidade sem fronteiras. Fazer pesquisa sozinho é irreal e limitativo, uma vez que ninguém tem uma perspetiva onisciente e onipotente. O encontro e desencontro das opiniões que vêm de diferentes partes é que vitalizam um grupo.

Pedro d'Alte: A criação de um objeto final ou de algo que dê corpo a parte dos esforços produzidos por todos é, em certa medida, gratificante. As atividades de investigação são, por vezes, muito pessoais e solitárias. A existência de um produto permite amenizar estes percursos, por vezes, disfóricos.

Peiyu Ma, Vitória: De modo geral, acho que são a troca de ideias, o compartilhamento de recursos, o estabelecimento de parcerias profissionais e a interdisciplinaridade de abordagens teóricas e metodológicas que contribuem para tornar a pesquisa em grupo significativa e gratificante.

Qingxian Liang, Hortência: Fazer parte de um grupo de pesquisa em literatura e cultura oferece a oportunidade de compartilhar energia colaborativa, explorar interesses compartilhados e, se houver habilidades bilingues ou de tradução, ampliar a pesquisa para diferentes idiomas.

Vanessa Amaro: A entajuda e a sinergia que se podem criar através da combinação de diferentes competências, perspetivas e experiências, que acabam por enriquecer o processo investigativo. Além disso, trabalhar em grupo proporciona apoio mútuo, partilha de responsabilidades e uma rede de *feedback* construtivo.

Biodados:

Lola Geraldés Xavier

Tem pós-doutoramento pela Universidade de Coimbra, Portugal (UC). É doutorada em Literatura, pela Universidade de Aveiro, mestre em Literatura Portuguesa (UC); pós-graduada em Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora (UC) e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (UC).

Tem mais de uma centena de publicações, entre artigos em revistas científicas, capítulos de livros e livros (autoria e coorganização), e mais de uma centena de intervenções orais nas áreas da Didática, Língua Portuguesa (como língua materna e língua estrangeira), Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Literaturas Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa. Como docente da Escola Superior de Educação de Coimbra, foi diretora da



licenciatura em Educação Básica e formadora de professores.

Atualmente, é professora coordenadora da Universidade Politécnica de Macau, onde já coordenou a licenciatura em Português, a licenciatura em Tradução e Interpretação Chinês-Português/Português-Chinês e o Doutoramento em Português.

É investigadora colaboradora nos seguintes Centros de investigação em Portugal: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e Centro de Línguas Literatura e Cultura da Universidade de Aveiro, integrando-se em grupos de investigação sobre imagologia e literatura contemporânea. É a coordenadora do projeto de investigação financiado por essa universidade: "Centre and Periphery: Studies on Culture and Arts – Perspectives from the South" (RP/FLT-10/2022). Website: <https://www.ciencia-vitae.pt/portal/9217-90F8-B5C7>

Gaozhao Chen, Esperança:

Natural da China, estudante de doutoramento em Português na Faculdade de Línguas e Tradução da Universidade Politécnica de Macau.

Licenciada em Cultura e Língua Portuguesa pela Faculdade de Estudos Europeus da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (2019), bolseira Estudante de Mérito da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (2015-2017), Mestre (2021) em Língua Portuguesa e Estudos Interculturais, variante em Estudos Literários e Culturais, pela Faculdade de Letras da Universidade de Macau, com a dissertação "A guerra na literatura de Macau: Cheong-Sam: a Cabaia, de Deolinda da Conceição".

Desempenhou as funções de diretora e representante de Departamento de Artes da Associação dos Estudantes e de Departamento de Línguas Estrangeiras da Rádio Oficial da Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (2016-2017). Foi professora de inglês (2020-2021) na New Oriental (a maior empresa de educação e tecnologia da China).

As suas áreas de investigação são, sobretudo, os estudos literários, literatura de Macau, literatura comparada, estudos de tradução. Cinco dos seus poemas em chinês serão publicados em "Musas em Macau" (2023), coleção de poemas de escrita criativa de Macau (o projeto patrocinado pela Fundação Macau).

Hui Wu, Jasmim:

É doutorada em Português, pela Universidade Politécnica de Macau (2023), mestre em História e Património pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2019) e licenciada em Línguas Estrangeiras (Língua Portuguesa) pela Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (2016). Atualmente trabalha no Departamento de Português da Universidade Normal de Anhui, China. Os principais interesses são a literatura em língua portuguesa, a literatura para a infância e juventude e a tradução literária.



João Viana:

É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, Portugal (UC).

Realizador de Cinema desde 2004, produtor e distribuidor de cinema desde 2009 através da sua produtora Papaveronoir-Filmes sediada em Lisboa em estreita ligação com Luanda, Paris e Berlim.

Foi Secretário-geral da Associação de Produtores de Cinema e Audiovisual (APCA) durante sete anos e em 2019 *Producer on the move* em Cannes pela European Film Promotion. Bolseiro da DAAD em Berlim, bolseiro da “Cité des Arts”, em Paris, e da prestigiada *Residence* do Festival de Cannes.

Foi professor convidado da cadeira de Realização II da Escola Superior Artística do Porto.

A sua filmografia, premiada em Festivais A, é constituída por “A Piscina” – Festival de Veneza 2004, “Alfama”, Clermont Ferrand 2009, “Tabatô”, Berlinale 2013, “A Batalha de Tabatô” Berlinale 2013, “Madness”, Berlinale 2018, “Our Madness”, Berlinale 2018. Atualmente integra a direção da Associação Produtores para o Futuro.

Maria Dilar Pereira:

É doutorada em Belas-Artes, especialidade de Desenho (2022), pela Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, mestre em Teorias da Arte (2006) e em Desenho (2013) pela mesma faculdade/ universidade (FBAUL); pós-graduada em Arte Sonora também pela FBAUL e licenciada em Ensino Básico, variante de Educação Visual e Tecnológica (2001), pela Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Lisboa.

É membro colaborador do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIE-BA) da FBAUL.

Foi bolseira de doutoramento da Universidade de Lisboa (2018-2021), referência C003050.

Trabalha como artista multidisciplinar, professora e investigadora, com publicações científicas (artigos, capítulos de livros, pósteres) e artísticas (ilustração, desenho, som), com participações em congressos e comunicações, orientação de monografias, participação em exposições, residências artísticas, expedições e realização de oficinas.

É membro do Grupo do Risco dedicado ao desenho de campo, Ilustração Científica e fotografia, com foco no mundo natural.

Exerceu e exerce funções docentes no ensino básico (2.º e 3.º ciclos) e no ensino superior, em Portugal e no estrangeiro, nas áreas da teoria e história da arte, da ilustração científica, da formação de professores na área da educação artística, e da educação visual e educação tecnológica, nomeadamente em escolas do Ensino Básico (2.º e 3.º)



e Secundário (2001-2012; 2016-2018; 2022-2024), na Escola Superior de Educação de Lisboa (2010-2012), no Instituto Nacional de Formação de Docentes da Educação de Timor-Leste (2012-2014) e na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (2012-2015).

Pedro d'Alte:

Pedro d'Alte (n. 1985, Porto) é pós-doutorando em Estudos Portugueses, na Universidade Aberta onde desenvolve o tema da representação feminina nas literaturas em português, a Oriente. Nesse campo, as culturas de Macau, Timor e Goa recebem especial atenção. Doutor em Estudos da Criança, na Universidade do Minho, onde desenvolveu o tema da Educação Literária em Portugal e os seus desafios e possibilidades. Mestre em Estudos Portugueses Multidisciplinares, pela Universidade Aberta. A dissertação, subsidiada pelo Instituto Nacional da Cultura, em Portugal, previa a investigação da produção romanesca do escritor timorense Luís Cardoso e a dissertação foi galardoada com menção honrosa pela Universidade Aberta. Entre 2009 e 2014, lecionou na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, contribuindo para o ensino da cultura e literatura portuguesas e, também, para a formação inicial de professores – no âmbito didático e da supervisão de estágios. Exerceu funções docentes em Angola e em Portugal nos anos seguintes, lecionando português e inglês. Colabora, desde 2017, com a Escola Portuguesa de Macau e, desde 2020, com a Universidade Politécnica de Macau. A par destas funções, é, também, investigador do Centro de Estudos Globais (CEG-UAb), Literaturas Globais e Hipermédia, na Universidade Aberta. As principais áreas de ação estão relacionadas com a Didática da língua e a investigação literária, e publicou cerca de duas dezenas de artigos nestes domínios de saber. A espaços, colabora com jornais, revistas ou grupos de teatro, como restou exemplo a escrita da peça "Ouro Negro", exibida em Portugal no ano de 2020.

Peiyu Ma, Vitória:

É doutoranda do Curso de Doutoramento em Português da Universidade Politécnica de Macau (UPM). Tem mestrado e licenciatura em Tradução e Interpretação Chinês-Português/Português-Chinês pela UPM. Atualmente, é vigilante assistente do exame de inglês IELTS (International English Language Testing System) e do exame SAT (Scholastic Aptitude Test) do Centro de Inglês UPM-BELL, prestando, em simultâneo, apoio académico e técnico em vários projetos de ensino e de investigação da UPM, sobretudo no âmbito da literatura e cultura.

Os seus interesses de investigação incluem estudos de tradução chinês-português/português-chinês, cidades em tradução, paisagem linguística e de tradução, políticas de língua e de tradução no Interior da China e em Macau.

Qingxian Liang, Hortência:



É doutoranda bolsista do Curso de Doutorado em Português da Universidade Politécnica de Macau (UPM). Tem mestrado e licenciatura em Tradução Chinês-Português/Português-Chinês pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim.

Tem como área de investigação Literatura e Estudos da Tradução Literária. Mais especificamente, interessa-se pela literatura de Macau, sobretudo, literatura multilingue e translingue de Macau.

Traduziu o *“Relatório de Desenvolvimento dos Países de Língua Portuguesa”* (2021), publicado por *Foreign Languages Press*. Atualmente, é participante no Projeto: *“Translanguaging as a method in literary works—Case study of the Chinese literary works Food is Heaven”* (RP/FLT-01/2023).

Manuel Pires:

Professor na Universidade Politécnica de Macau com percurso académico ligado à Universidade de Lisboa, onde obteve o doutoramento em Português como Língua Estrangeira. Ao longo de uma década na China, lecionou na Universidade Sun Yat-sen, a maior instituição de ensino superior do sul do país. Essa experiência proporcionou uma vivência da cultura e das particularidades do ensino de línguas estrangeiras nesse contexto em particular. Além de outras incumbências, atividades e projetos inerentes às funções de professor universitário, põe em prática a investigação em áreas como os Estudos Portugueses, Estudos Culturais, Ensino de Línguas ou Sociolinguística, perfazendo algumas dezenas de publicações científicas.

Meng Yu:

É doutoranda bolsista do curso de Doutorado em Português na Universidade Politécnica de Macau (UPM). É Mestre em Tradução Chinês-Português/Português-Chinês, pela Universidade de Macau (UMAC). É Licenciada em Estudos Portugueses pela UMAC.

Entre 2017 e 2021, foi professora no Departamento de Português da Universidade Zhejiang Yuexiu de Línguas Estrangeiras. Tem como área de investigação Teoria e Prática da Tradução (Literária). Além disso, interessa-se pelas literaturas africanas em língua portuguesa, sobretudo, literatura moçambicana.

Tem um projeto concluído acerca do ensino e aprendizagem da língua portuguesa em 2021. Tem outros artigos publicados sobre a tradução literária chinês-português/português-chinês. Atualmente, é participante no Projeto: *“Centre and Periphery: Studies on Culture and Arts-Perspectives from the South”* (RP/FLT-10/2022), coordenado por Lola Geraldés Xavier.

Solange Luís:



Doutorada pela Universidade de Coimbra, Portugal, em Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa; mestre pela Universidade de York, Toronto, Canadá, em Literatura Inglesa, com enfoque em Teoria Pós-Colonial e licenciada em Literatura Inglesa pela Universidade Concordia, no Québec, Canadá. Atualmente, é professora Auxiliar no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) da Huíla, em Angola, nos Programas de Graduação e Pós-Graduação em Ensino da Língua Portuguesa e membro do Conselho Científico. Convidada do Programa de Pós-Graduação em Ensino da História de África, pelo Departamento de Ciências Sociais do ISCED-Huíla. Participou em projetos de investigação em Angola, Portugal e Brasil, com publicações e comunicações orais nas áreas de Literaturas e Culturas Africanas em Língua Portuguesa. Desenvolve investigações sobre memória, identidade, resistência, violência e sexualidade – no âmbito dos estudos pós-coloniais, africanos, subalternos, de género, culturais, modernos e pós-modernos.

Vanessa Amaro:

Concluiu o seu Doutoramento em Comunicação na Universidade de Macau, focado na identidade sociocultural da comunidade portuguesa em Macau pós-colonial. Com Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e Licenciatura em Comunicação, especialização em Jornalismo, atualmente é Professora Adjunta na Universidade Politécnica de Macau, onde tem exercido a atividade docente desde 2012. Está envolvida em três projetos de investigação: um sobre a apropriação de símbolos nacionais portugueses em Macau pós-1999, outro dando continuidade à sua investigação de doutoramento sobre os impactos das dinâmicas de Macau na comunidade portuguesa, e um terceiro analisando os impactos da inteligência artificial na aprendizagem de línguas e técnicas de tradução, baseando-se na sua prática pedagógica. Anteriormente, desenvolveu a sua carreira como jornalista e editora em publicações no Brasil, em Portugal, em Espanha e em Macau.

Nota: preferi deixar os termos de titulação na norma padrão do Português europeu, bem como termos como perspetiva, académico, fenómeno, dentre outros.